

Boletim Geocorrente

Rio de Janeiro, 07 de abril de 2017

ISSN: 2446-7014 • Número 51



CENTRO DE ESTUDOS POLÍTICO-ESTRATÉGICOS
DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL
NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

BOLETIM GEOCORRENTE

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal vinculada ao Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), do Centro de Estudos Político-Estratégicos (CEPE) da Marinha. O NAC possui o objetivo de acompanhar a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de ampliar o conhecimento por meio da elaboração deste boletim, além de outros produtos que porventura venham a ser demandados pelo Estado-Maior da Armada.

Para isso, o grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas de conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporciona uma análise ampla de contextos e cenários geopolíticos e, portanto, um melhor entendimento dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como, seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Esse Boletim tem como objetivo publicar artigos compactos tratando de assuntos da atualidade e, eventualmente, de determinados temas de caráter geral sobre dez macrorregiões do Globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ainda, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”, voltada a artigos que abordam assuntos não relacionados, especificamente, a uma das regiões supracitadas.

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do Núcleo de Avaliação da Conjuntura do CEPE e submeta seu artigo contendo, no máximo, 350 palavras ao processo avaliativo. A avaliação é feita por pares, sem que os revisores tenham acesso ao nome do autor (*blind peer review*). Ao fim desse processo, o autor será notificado via e-mail de que seu artigo foi aceito (ou não) e que aguardará a primeira oportunidade de impressão.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Centro de Estudos Político-Estratégicos da Marinha.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil (21) 2546-9394

E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Aos cuidados do Editor Responsável do Boletim Geocorrente.

CONSELHO EDITORIAL

Editor Responsável

Leonardo Faria de Mattos (EGN)

Editor Científico

Francisco Eduardo Alves de Almeida (EGN)

Editores Adjuntos

Felipe Augusto Rodolfo Medeiros (EGN)

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (FACAMP)

Pesquisadores do Núcleo de Avaliação da Conjuntura

Adriana Escosteguy Medronho (EHESS)

André Figueiredo Nunes (ECEME)

Ariane Dinalli Francisco (Universität Osnabrück)

Beatriz Mendes Garcia Ferreira (UFRJ)

Carlos Henrique Ferreira da Silva Júnior (UFRJ)

Catharine Simões Lopes (UERJ)

Daniel Santos Kosinski (UFRJ)

Dominique Marques de Souza (UFRJ)

Ely Pereira da Silva Júnior (UERJ)

Franco Aguiar de Alencastro Guimarães (PUC - Rio)

Gabriela Mendes Cardim (UFRJ)

Gabriela da Conceição Ribeiro da Costa (UERJ)

Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)

Giuliana Bessa Reis Anveres (PUC - Rio)

Jéssica Pires Barbosa Barreto (UERJ)

João Victor Marques Cardoso (UFF)

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)

Lais de Mello Rüdiger (UFRJ)

Larissa Marques da Costa (UFRJ)

Louise Marie Hurel Silva Dias (PUC - Rio)

Luciane Noronha Moreira de Oliveira (EGN)

Luma Teixeira Dias (UFRJ)

Marcelle Siqueira Santos (UERJ)

Marcelle Torres Alves Okuno (IBMEC)

Matheus Souza Galves Mendes (EGN)

Pedro Allemand Mancebo Silva (UFRJ)

Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Universidade de Santiago)

Pedro Mendes Martins (UERJ)

Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)

Rebeca Vitória Alves Leite (UFRJ)

Stefany Lucchesi Simões (UNESP)

Taynara Rodrigues Custódio (UFRJ)

Thaïs Abygaëlle Dedeo (UFRJ)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFRJ)

Vinicius de Almeida Costa (EGN)

Vinicius Guimarães Reis Gonçalves (UFRJ)

Vivian de Mattos Marciano (UFRJ)

Os textos contidos nesse Boletim são de responsabilidade única dos membros do Grupo, não retratando a opinião oficial da Escola de Guerra Naval nem da Marinha.

SUMÁRIO

- *Paraguai: instabilidade e crise constitucional (Pág. 2);*
- *A crise política e social na Guiana Francesa: (Pág. 2);*
- *A questão da Defesa no Orçamento Canadense para 2017 (Pág. 3);*
- *A integração na América central (Pág. 3);*
- *Eleições na Somália: Festa da democracia e desafios do amanhã: (Pág. 4);*
- *Relações Sino-Nigeriana: oportunidades e desafios para a Nigéria: (Pág. 4);*
- *Divergentes visões sobre o Brexit em Defesa e Segurança: (Pág. 5);*
- *União Europeia cria seu primeiro comando militar unificado: (Pág. 5);*
- *Rouhani visita a Rússia: (Pág. 6);*
- *A Guerra Civil no Iêmen diante do aumento do apoio estadunidense: (Pág. 6);*
- *O atentado terrorista na Chechênia e seus impactos na região: (Pág. 7);*
- *China e Europa: líderes na luta contra mudança climática (Pág. 8);*
- *A escalada do Talibã diante do impasse Ocidental (Pág. 8);*
- *O Izumo (DDH-183) rumo ao Mar do Sul da China: (Pág. 9);*
- *O crescimento da presença chinesa na Antártica (Pág. 9);*
- *Artigos Selecionados e Notícias de Defesa (Pág. 10);*
- *Referências (Pág. 11).*

Paraguai: instabilidade e crise constitucional

Por Beatriz Mendes

Após 28 anos da transição em seu sistema político, recentemente, o Paraguai enfrentou uma ruptura de sua ordem democrática e institucional. No dia 31 de março, o Senado aprovou um projeto de emenda constitucional que permite a reeleição presidencial, algo que não ocorre desde o ano de 1992. O episódio gerou uma série de protestos por todo o país, sobretudo na capital Assunção, onde manifestantes atearam fogo ao prédio do Congresso paraguaio. Também ocorreram confrontos na Ponte da Amizade, principal via de acesso entre Paraguai e Brasil, tendo sido bloqueada por algumas horas.

O atual Presidente, Horacio Cartes, eleito em 2013 para um mandato de 5 anos, possui controle sobre a maioria dos parlamentares no Congresso, o que pode ter facilitado a votação convocada repentinamente, e ocorrida de portas fechadas. A oposição afirma que o procedimento foi ilegal e que constituiu um golpe parlamentar. Cerca de 80% dos paraguaios rejeitam a mudança constitucional e acreditam que esta pode fragilizar as instituições democráticas do país.

Por outro lado, os aliados do governo afirmam que a reeleição seria benéfica, pois desta forma possibilitaria a execução de um planejamento de longo prazo e de mudanças estruturais que são necessárias ao país. A liderança de Cartes promoveu significativas reformas de abertura econômica, o que fez o Paraguai crescer cerca de 3% a 4% nos últimos anos, tornando-o uma das economias que mais cresceram na região.

A situação ocorre concomitantemente com a reunião de emergência do Mercosul convocada para debater questões que envolvem a crise na Venezuela. Desta forma, resta saber qual será a postura do bloco diante deste novo risco de desestabilização política na América do Sul.

A crise política e social na Guiana Francesa

Por Adriana Escosteguy

Localizada na América do Sul, a Guiana Francesa é um departamento ultramarino francês cujo estatuto data de 1946. Sua história é marcada pelo processo de descentralização da administração francesa no qual, desde 1982, o departamento foi ganhando competências administrativas de maneira crescente. Trata-se da 2ª maior região francesa: é rica em recursos naturais, notadamente o ouro, engaja contingentes militares franceses na luta contra a mineração ilegal desde 2008 (Operação Harpia) e hospeda a base de lançamento de foguetes e satélites da Agência Espacial Europeia, o Centro Espacial de Kourou – fruto de sua posição estratégica para lançamento em órbita.

Não obstante, a Guiana experimenta progressivos índices de violência e desemprego, sobretudo nos anos de 2015-2016 – segundo os comunicados recentes do Ministério do Interior –, ultrapassando em larga escala a média da França continental. No dia 17 de março, em protesto aos altos índices de delinquência na Guiana, aproximadamente 50 homens encapuzados do coletivo 500 *frères* invadiram uma conferência internacional que contava com a presença da Ministra francesa do meio ambiente, Ségolène Royal. O incidente diplomático marcou o primeiro dia de uma sucessão de manifestações e greves, que, no dia 21, conseguiu impedir o lançamento do foguete Ariane 5, implicando grandes prejuízos financeiros.

A greve geral convocada pela União dos Trabalhadores Guianenses abriu uma rodada histórica de negociações com a administração francesa concernindo suas múltiplas reivindicações por segurança, trabalho e infraestrutura. O Ministro do Interior, Matthias Fekl, e a Ministra das Regiões Ultramarinas, Ericka Bareigts, anunciaram a assinatura de acordos setoriais e pactos com representantes grevistas e a concessão de 1 bilhão de euros destinados a medidas estruturantes de diversas áreas-chave presentes nas reivindicações.

A questão da Defesa no Orçamento Canadense para 2017

Por *Jéssica Barreto*

Em 22 de março foi lançado, pelo Governo Trudeau, o orçamento canadense de 2017. Sua publicação foi envolta por discussões sobre os gastos de Defesa e a pequena contribuição com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). O documento apresentou um déficit de US\$ 28,5 bilhões, e fez pouca menção à área de Defesa.

Desde 2006, os membros da aliança militar concordaram em gastar 2% do seu PIB no setor supracitado, sendo 20% desses gastos em pesquisa e aquisição de novos equipamentos. Com a eleição de Donald Trump, nos EUA, a discussão sobre o compromisso de gastos do país aumentou. O Canadá, proporcionalmente, tem diminuído seus gastos militares desde 2009, e hoje, investe apenas 1% do seu PIB. Com os recentes cortes, essa porcentagem deve decair ainda mais. Apesar disso, está previsto que uma frota de seis caças CF-18 partirá para a Islândia em maio, como parte das medidas para conter a ambição russa no continente.

À espera de uma revisão de sua Política Nacional de Defesa (PND), prevista para sair ainda no primeiro semestre, especialistas afirmam que o novo orçamento do governo já é um forte indicador das mudanças que devem vir na PND. O documento trouxe a maior realocação da história das Forças Armadas, retirando em torno de US\$ 8,4 bilhões, ao longo de 20 anos, do Departamento de Defesa, destinados à compra de equipamentos e infraestrutura.

Apesar da área militar nunca ter sido uma prioridade para o partido Liberal, o principal motivo apontado para essa redução foi a incapacidade do citado Departamento em gastar todo o dinheiro previsto. No momento em que o Presidente norte-americano cobra de seus aliados europeus o cumprimento da meta de 2% do PIB em Defesa, as reduções dos gastos canadenses sinalizam novos desgastes nas relações entre os dois países. E as negociações a respeito das mudanças no NAFTA, já sinalizada por Trump, ainda nem começaram.

Integração na América Central

Por *Marcelle Santos*

Os países da América Central vêm dando os primeiros passos para a integração regional desde os anos 1990. Nos dias 28 e 29 de março ocorreu na Costa Rica a XVI Cúpula de Tuxtla. Essa reunião tem por objetivo debater e pôr em prática ações para desenvolvimento, cooperação e integração da Mesoamérica: região individualizada das antigas culturas do México e civilização maia, que inclui México, Belize, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá e República Dominicana.

A reunião contou com a participação de Enrique Peña Nieto, Jimmy Morales, Luis Guillermo Solís, respectivos presidentes do México, Guatemala e Costa Rica, além de outros líderes e chanceleres. A ideia é unir iniciativas privadas e públicas com intuito de facilitar a execução de projetos conjuntos. O Projeto Mesoamérica, em voga desde 2008, foi rigorosamente discutido para avançar nas áreas de: interconexão elétrica e de infraestrutura de serviços e de transportes. Foi debatido, também, projetos na área de biocombustíveis, competitividade, saúde, meio ambiente e mudança climática, além de prevenção e cuidados para com desastres naturais. O projeto conta com investimentos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF) e Fundo Yucatán.

Além da reunião aprofundar a integração da região, também deslança a possibilidade de projetos de cooperação bilateral. Após o encontro, ficou agendada visita do Presidente mexicano à Guatemala, para 4 de maio, e houve conversa entre os chefes de Estado Jimmy Morales e Juan Manuel Santos visando o estreitamento de relações. Com a eleição de Donald Trump, e seus sinais a favor de um maior protecionismo norte-americano, a integração da região, liderada pelo México, parece ser uma tendência. Nos próximos meses veremos se a mesma também se estenderá para o campo militar, atualmente, ainda muito dependente das ações norte-americanas, por meio do US SOUTHCOM.

Eleições na Somália: Festa da democracia e desafios do amanhãPor *Franco Alencastro*

A Somália vivenciou, em 8 de fevereiro, um marco de sua história, com uma bem-sucedida eleição, que se desdobrou em uma transição democrática, ocorrida sem grandes transtornos. O vencedor da eleição foi Mohamed Abdulahi Mohamed, conhecido pela alcunha de “Farmaajo”. O novo presidente foi eleito com 184 votos de parlamentares, contra 97 de seu principal opositor, Hassan Sheik Mohamed, no poder desde 2012. A passagem pacífica de poder, ocorrida com a posse do dia 16 de fevereiro, traz esperança para o país, desde 1991 assolado por uma guerra civil que levou à fragmentação do Estado.

Farmaajo tornou-se conhecido como primeiro-ministro da Somália em 2010, sendo selecionado pelo então Presidente, Sharik Sheik Ahmed. Na época, Mohamed morava há mais de duas décadas nos EUA, tendo inclusive se tornado cidadão americano. Em apenas um ano como primeiro-ministro, Mohamed tornou-se um dos políticos mais populares da Somália, cortando gastos do governo com ministérios considerados pouco úteis e pagando em dia os salários de funcionários públicos. O contexto pacífico em que se deu a eleição, contrariando ameaças do grupo extremista islâmico Al Shabaab, aponta a possibilidade de eleições diretas em 2020 - as últimas se deram por um sistema indireto, em que 14 mil anciões dos diversos clãs da Somália elegeram um parlamento, que então elegeu o presidente.

O novo governo também traz a possibilidade de uma alteração da posição estratégica da Somália: como cidadão americano, não é impossível que o novo presidente privilegie as relações com os EUA. Ao mesmo tempo, o Presidente Donald Trump tem oferecido sinais pouco acolhedores à Somália, com a inclusão do Estado em sua lista negra de países cujos refugiados terão entrada negada nos EUA. A reticência de Trump com intervenções internas pode também significar um recuo da participação norte-americana no conflito Somali, assistência que tem se mostrado valiosa no combate ao Al Shabaab. Apesar das raízes americanas de Farmaajo, este pode se ver obrigado a se voltar para a China, que tem aumentado sua presença no Chifre da África por meio da construção de uma base no Djibuti e fortes investimentos na Etiópia.

Relação Sino-Nigeriana: oportunidades e desafios para a NigériaPor *João Victor Marques*

No início de março deste ano, foi iniciada a construção da ferrovia Lagos-Ibadan, o segundo segmento do projeto que pretende ligar Lagos, no Sudoeste, à cidade de Kano, próxima à fronteira com o Níger. Com investimento do EximBank chinês e sob a responsabilidade da China Civil Engineering Construction Corporation, o primeiro segmento, entre Kaduna e a capital Abuja, fora inaugurado no ano anterior. A participação da China nesse processo é resultado da intensa aproximação sino-nigeriana observada nos últimos anos, após cambaleante relacionamento desde a independência em 1960.

Historicamente, as relações diplomáticas foram estabelecidas em 1971, após o fim da Guerra Civil (1967-1970), na qual a China apoiou a secessão de Biafra. Entretanto, somente no governo militar de Sani Abacha (1993-1998), as partes se estreitaram sob a política do *Look East*, já que o Ocidente cortara a ajuda internacional à Nigéria devido à violação sistemática dos Direitos Humanos cometida pelo então regime. Já no governo democrático de Olusegun Obasanjo (1999-2007), da etnia iorubá, as relações foram alçadas ao nível estratégico, e a política do *oil for infrastructure*, lançada como um incentivo à atração de investimentos chineses em troca da concessão de campos petrolíferos. Contudo, tal política fora interrompida na gestão Yar'Adua (2007-2010), da etnia fulani, por alegadamente beneficiar os aliados de Obasanjo.

O atual governo Buhari busca aprofundar a relação estratégica, amparada pelo apoio chinês ao pleito nigeriano por um assento permanente no Conselho de Segurança, pela assistência militar no combate à insurgência no Delta do Níger, e, recentemente, pela ênfase dada à política de uma só China, após Abuja ordenar, em janeiro, a retirada da missão comercial taiwanesa da

capital para Lagos, conferindo menor visibilidade à relação não oficial entre Nigéria e Taiwan.

Pesam a possibilidade do abafamento da influência nigeriana na África Ocidental, na medida em que a China expande sua presença naquela região, e o profundo desequilíbrio comercial, pois, ainda que, entre 2000 e 2010, o comércio tenha crescido nove vezes, em 2015, o volume de importações oriundas da China registrou cerca de US\$ 5 bilhões, enquanto que as exportações nigerianas acumularam apenas US\$ 500 milhões. Conclui-se, portanto, que a parceria pode alavancar oportunidades em setores estratégicos, embora os benefícios resultantes devam ser coordenados por Abuja, a fim de estimular a industrialização, a produção agrícola, a infraestrutura e a distribuição de bens públicos, elementos significativos para a diversificação econômica.

Europa

Divergentes visões sobre o Brexit em Defesa e Segurança

Por *Matheus Mendes*

No fim de março, a Primeira-Ministra britânica Theresa May deu início ao processo de saída do país da União Europeia (UE). Com isso, o Reino Unido terá pelo menos dois anos para negociar os termos que vigorarão a partir do momento em que não fizer mais parte do bloco oficialmente. Assim sendo, há muitas especulações sobre o que vai ocorrer a partir de então e poucas certezas, sobretudo no que concerne à agenda de Defesa e Segurança.

A começar pela Escócia, que aprovou em seu Parlamento local um novo referendo de independência (o primeiro foi em 2014), o qual deverá enfrentar resistência em Londres até que o processo do Brexit seja concluído. Se os escoceses decidissem pela separação, esta impactaria diretamente na política de defesa britânica, uma vez que a base dos submarinos nucleares do Sistema Trident (já abordado anteriormente) está situada em Faslane, Glasgow, bem como parte importante da construção naval do país (já observado no Boletim 42).

Além da Escócia, há outras visões importantes a destacar. Segundo um estudo da RAND Corporation, as perspectivas dos vizinhos europeus são pontualmente diversas. A França, por exemplo, teria uma postura ponderada a respeito do Brexit – uma vez que tem interesse em manter acordos já firmados com os britânicos, ao mesmo tempo em que ascenderia como única potência nuclear dentro da UE. A Alemanha, por sua vez, buscaria fortalecer suas relações com os franceses, sobretudo no que diz respeito ao *Common Security and Defence Policy* e se preocuparia com a participação britânica em ações militares da UE, inclusive pela liderança exercida em operações navais em andamento (Atalanta – Somália e Sophia – Mediterrâneo) cujos quartéis-generais localizam-se no Reino Unido.

O estudo da RAND considera que outros países europeus, como a Itália, veem o Brexit de modo favorável em termos de Defesa, considerando ser uma chance para maior integração dos países europeus. Por outro lado, os países bálticos têm uma visão pessimista, acreditando que a saída do Reino Unido pode enfraquecer a segurança regional. De qualquer forma, o Reino Unido nunca acenou sobre uma possível saída da OTAN, o que mantém os interesses norte-americanos e frustra russos ao mesmo tempo. Em termos de Defesa e Segurança, a saída britânica da UE pode ser vista mais como uma oportunidade de maior integração regional do que uma ameaça em si. Só o tempo poderá confirmar essa avaliação.

Europa

União Europeia cria seu primeiro comando militar unificado Por *Daniel Kosinski*

No último dia 06 de março, foi anunciada a criação do primeiro comando militar unificado da União Europeia. Intitulado *Military Planning and Conduct Capability* (MPCC), ele ficará sediado em Bruxelas, Bélgica, e entrará em operação já nas próximas semanas, a princípio coordenando missões como as atualmente empreendidas no Mali, na Somália e na África Central. A criação desse órgão representa passo significativo numa área em que – segundo a italiana Federica Mogherini, representante de política externa para o bloco - historicamente os países europeus não costumavam entrar em acordo, muito embora

recentemente os governos da Alemanha, França, Espanha e Itália venham se mostrando favoráveis a esse tipo de iniciativa

Com efeito, embora ainda represente passo preliminar, muito aquém da criação de Forças Armadas ou comandos militares plenamente centralizados para a União, o surgimento do MPCC indica avanços que vêm sendo alcançados na implementação das suas políticas globais de Segurança e Defesa. Isso porque o Conselho Europeu – órgão encarregado de definir as orientações políticas gerais da União e atualmente presidido pelo polonês Donald Tusk – havia, no segundo semestre de 2016, deliberado em distintas ocasiões pela rápida adoção de políticas que estabelecessem três prioridades estratégicas para as forças militares europeias: responder a conflitos e crises externas, construir as capacidades dos países parceiros e proteger a União Europeia e seus cidadãos.

Do ponto de vista geopolítico, podemos apontar três fatores que, devido à intensa pressão que vêm lançando sobre a União, figuram como responsáveis pela celeridade com que, ao contrário do que ocorria anteriormente, estes planos vêm sendo executados: (1) o intenso acirramento da disputa com a Rússia pelo controle militar do Mar Báltico e, principalmente, pelo domínio sobre a Ucrânia; (2) a guerra civil na Síria, a fragmentação deste e de outros países como a Líbia e o Iraque e a imigração em massa de refugiados para a Europa; e (3) a eleição de Donald Trump para a Presidência dos Estados Unidos, cuja retórica ameaça reduzir substancialmente o papel da OTAN na defesa do continente europeu.

Oriente Médio e Norte da África

Rouhani visita a Rússia

Por *André Nunes*

Nos dias 27 e 28 de março, o Presidente iraniano Hassan Rouhani esteve em visita oficial a Moscou, onde se encontrou com sua contraparte russa, Vladimir Putin para discutir assuntos de relevância política e econômica para seus países.

O encontro enfatizou assuntos ligados à guerra da Síria, ao combate ao terrorismo, e a investimentos nos setores industrial, energético e de defesa. No que concerne à economia, Putin chegou a comentar que o comércio entre os países teve um crescimento de 70% em 2016 comparado ao ano anterior. Além disso, ambos os líderes demonstraram interesse em ampliar esforços na estabilização do mercado internacional de petróleo e gás, dado que tais recursos representam uma importante parcela do comércio exterior das duas nações.

Ainda no que diz respeito à energia, há também o interesse de que a Rússia continue cooperando com o Irã na construção de plantas nucleares para geração de energia – há previsão de que Moscou construa nove dos vinte reatores nucleares propostos pelo Irã. Isso porque, como o Irã se tornou o décimo maior consumidor de energia primária do mundo em 2015, Teerã tem buscado reduzir sua dependência de fontes de energia fóssil.

A Rússia é um importante fornecedor de armamentos para o Irã, como pode ser visto recentemente na aquisição do sistema russo S-300 para defesa antiaérea de longo alcance. Aliado a isso, Rouhani e Putin percebem-se como aliados na guerra civil da Síria e entendem que a manutenção do atual governo é vital para seus interesses na região do Levante e no Mediterrâneo. Além disso, os dois presidentes anunciaram que pretendem alinhar esforços no combate ao terrorismo e na estabilidade regional.

Embora Irã e Rússia possuam diferenças em determinados assuntos, como na exploração de hidrocarbonetos no Mar Cáspio, na questão dos curdos e, inclusive, quanto ao nível de nuclearização que Teerã possa alcançar, pode-se concluir que a aproximação dos dois países tem se fortalecido, entre outros motivos, por razões de conveniência estratégica na geopolítica da energia e do Oriente Médio.

Oriente Médio e Norte da África

A Guerra Civil no Iêmen diante do aumento do apoio estadunidense

Por *Taynara Custódio*

Em um memorando destinado ao Assessor de Segurança Nacional norte-americano HR McMaster, o Secretário de Defesa Jim Mattis sugeriu que fossem retiradas as restrições impostas pela administração Obama ao apoio à guerra civil do Iêmen. Se aceita a declaração do Secretário, esse fato representaria uma

significativa mudança da estratégia política norte-americana para o Iêmen.

O conflito estabeleceu-se entre as forças do governo apoiadas por uma coalizão liderada pela Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos (EAU) contra os Houthis, apoiados pelo Irã. A questão imediata abordada no memorando do atual Secretário de Defesa se refere ao possível apoio estadunidense à operação liderada pelos EAU, cujo escopo é a retirada das tropas Houthi da cidade de Hodeida. A cidade abriga um porto estratégico em relação ao tráfego marítimo internacional, dada sua posição nas águas do Mar Vermelho. Do ponto de vista humanitário, a retomada possibilitaria que suprimentos alimentares fluíssem para o país, imerso também em uma enorme crise alimentar.

Yemen: Who controls what

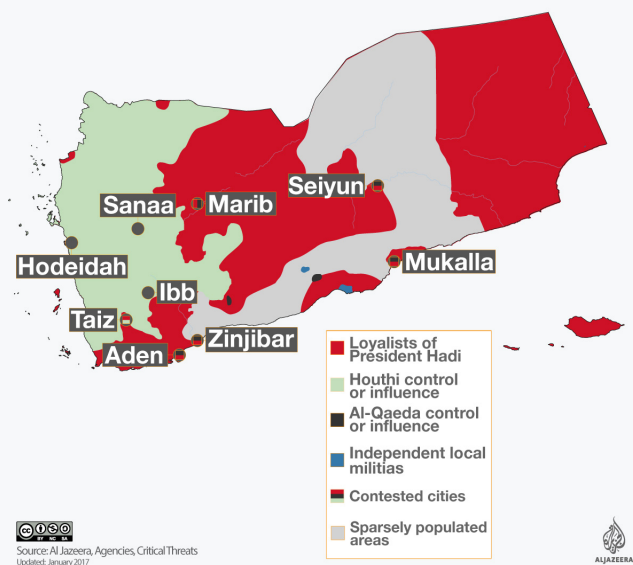


Foto: Al Jazeera

com a questão do acordo nuclear, conforme apresentado no Boletim 48. Por fim, é interessante questionar se a mudança dessa postura contribuirá para a conclusão do conflito ou apenas postergará sua resolução, já que o aumento do apoio dos EUA pode acabar favorecendo a atuação de grupos terroristas na região.

Nesse sentido, a questão colocada em debate entre alguns conselheiros do Presidente Trump é a hipótese de que um envolvimento mais profundo dos EUA poderia não somente agravar a situação humanitária do país, mas também acabar por desviar recursos das atividades militares de contraterrorismo contra a Al-Qaeda da Península Arábica (AQPA) e a nascente organização do Estado Islâmico no Iêmen. Não se pode, contudo, ignorar a possibilidade de que essas organizações venham a se fortalecer em detrimento do vácuo de poder criado pelo conflito na região.

A respeito dos desafios atuais, o envolvimento dos EUA nessa guerra civil deve ser visto como uma forma de combater a influência do Irã no Iêmen. Para além dos interesses de liberdade de navegação dentro e ao redor da Península Arábica, a política estadunidense já demonstrou endurecimento em relação ao Irã desde a ascensão de Trump,

Rússia e ex-URSS

O atentado terrorista na Chechênia e seus impactos na região

Por Pedro Mendes

No dia 24 de março, o grupo Estado Islâmico (EI) reivindicou a autoria do atentado ao quartel da Guarda Nacional russa na cidade de Grozny, capital da República da Chechênia, que vitimou seis soldados e seis dos atacantes. Em nota, o porta-voz da Guarda Nacional afirmou que o atentado evidencia que a agência, criada em 2016 pelo Presidente Vladimir Putin para combater o tráfico de drogas e realizar operações de contraterrorismo, está cumprindo seu papel e assumindo a linha de frente nessas operações. Posteriormente, no dia 3 de abril, um atentado cuja autoria ainda não foi reivindicada por nenhum grupo foi cometido no metrô de São Petersburgo, vitimando 10 pessoas e ferindo outras 43.

O ataque na Chechênia é o primeiro atentado bem-sucedido dentro da Federação Russa perpetrada pelo EI, depois que o grupo prometeu atingir a Rússia em novembro de 2015 pelo envolvimento do país na guerra civil da Síria. A região da Chechênia é majoritariamente habitada por muçulmanos e tem um histórico difícil com Moscou, dadas suas duas tentativas de separação da Federação em 1994 e 1999. Desde então, a República tem vivenciado relativa tranquilidade sob o comando do Presidente Ramzan Kadyrov.

A importância desse ataque é conferida ao fato de que a República, apesar de não possuir reservas de petróleo na mesma quantidade que outras áreas da Federação Russa, situa-se em uma área historicamente marcada por conflitos nos países vizinhos, como a questão da Abkhazia e Ossétia do Sul, na Geórgia; e a disputa entre Armênia e Azerbaijão pela região de Nagorno-Karabakh. Além disso, a República está estrategicamente localizada na rota de passagens de dutos de petróleo e gás que ligam as regiões produtoras da Rússia, do Turcomenistão e do Azerbaijão a países da Europa, como a Grécia, Bulgária e Geórgia.

Desse modo, o atentado na República da Chechênia pode afetar uma área marcada por

instabilidade crônica, aumentando possíveis casos de terrorismo e violência nessa região relevante para o transporte de hidrocarbonetos com destino a diversos membros da União Europeia e países vizinhos da Rússia. Por fim, também pode ser usado com fins políticos na campanha eleitoral para a presidência da Rússia de 2018, obrigando os diversos possíveis candidatos a se posicionar acerca desse tema controverso.

Leste Asiático

China e Europa: líderes na luta contra mudança climática

Por *Giulianna Anveres*

Com o início da Era Trump, ficou evidente a diminuição do interesse dos Estados Unidos na luta contra os fenômenos de mudanças climáticas. O atual presidente norte-americano anulou o programa de planejamento ambiental de seu antecessor e decidirá, em maio, segundo a assessoria de imprensa da Casa Branca, se os EUA sairão do Acordo de Paris, tratado assinado por 195 países no fim de 2015 para contenção do aumento da temperatura do planeta.

Tendo em vista essa regressão na postura dos EUA, a União Europeia une-se a Pequim no papel de novo líder em combate à mudança climática. A China anunciou que não mudará sua política nesta matéria, demonstrando apoio ao Acordo de Paris. Um diálogo sobre energia, paralisado por quatro anos, foi retomado com o objetivo de aumentar a cooperação, a inovação tecnológica, energias renováveis e a eficiência destas.

Em 2016, houve um aumento de 60% no investimento chinês em geração de energia renovável, que atingiu inéditos US\$32bi. Pequim anunciou, em janeiro, seu 13º plano quinquenal: pretensões de investir mais que US\$360bi até 2020, colocando a China como a maior investidora na área, passando os EUA. A eficiência da indústria chinesa já diminuiu drasticamente os custos de produção das fábricas e este fator conseguiu colocar a geração de energia renovável como competitiva com a geração não-renovável de carvão e petróleo. Entretanto, a preferência ainda é pelo uso do carvão – a matriz energética não-renovável e poluente ainda é mais barata.

Esta guinada da China é, sem dúvida, uma estratégia importante para melhorar sua imagem internacional. Xi Jinping, dessa forma, reforça a imagem de país favorável ao livre comércio internacional - como deixou claro no seu discurso em Davos, em janeiro – e às práticas de uma economia verde.

Sub da Ásia

A escalada do Talibã diante do impasse Ocidental

Por *Rebeca Leite*

Após uma longa campanha de inverno, no último dia 23 de março, o grupo Talibã ocupou o distrito de Sangin, no sul do Afeganistão. Sangin está localizado na província de Helmand, onde está a maior parte da safra de ópio do país. Tal como já aconteceu em 2016, os insurgentes voltam a se concentrar na tomada das principais cidades. Em razão dessa realidade, Kunduz, a sexta maior do país, está novamente sob a mira do Talibã, com suspeita de ataque iminente e onde também se encontram militares dos EUA e da Alemanha.

Os combates têm se agravado nos últimos meses, sendo que em 2016, segundo dados da ONU, 11,5 mil civis foram mortos ou feridos nos conflitos do Afeganistão. Esses fatores demonstram a crescente força do Talibã face à dificuldade tanto do governo afegão quanto das forças da OTAN em serem efetivos.

A presença contínua das forças da OTAN – 13,5 mil soldados de 39 países, atualmente – no Afeganistão, desde 2001, não conseguiu apresentar um efetivo plano de reconstrução nacional. Nesse cenário, a suspeita de infiltração de insurgentes no próprio Exército afegão, o aumento do extremismo religioso e do terrorismo, inclusive com a presença cada vez maior de grupos ligados ao Estado Islâmico, podem ser considerados agravantes na instabilidade política e de segurança que existe hoje no país.

Atualmente, apenas 57% de todo o território está sob o efetivo controle do governo de Cabul. Assim, tal cenário denota que a estabilidade no Afeganistão só poderá ser alcançada através da capacidade do governo afegão de ser mais efetivo na condução de suas políticas públicas, à maneira como a OTAN irá direcionar suas ações e indicar diálogo direto com o Talibã.

O Izumo (DDH-183) rumo ao Mar do Sul da China

Por Vinicius de Almeida

Exercícios navais conjuntos constituem, em tempos de paz, um dos maiores elementos dissuasórios de um Estado, dado que demonstram as capacidades de sua força naval. Com esse objetivo, EUA, Índia e Japão se reúnem, a partir de 2015, anualmente, no Trilateral Malabar Exercise. Neste exercício, previsto para ocorrer no mês de julho, as forças navais dos três países irão treinar diversas manobras navais, incluindo combate antissubmarino.

A edição deste ano contará com a presença do controverso porta-helicópteros japonês Izumo. Tóquio planeja enviar o navio para percorrer o Mar do Sul da China durante o mês de maio, fazendo paradas em Cingapura, Indonésia, Filipinas e Sri Lanka antes de seguir para os exercícios no Índico. Legalmente proibido pelo Artigo 9º de sua Constituição de recorrer à força para solucionar controvérsias, Tóquio não pode possuir armamentos de projeção de poder. Assim, a Força Marítima de Autodefesa do Japão não pode, teoricamente, possuir navios aeródromos tradicionais. Projetados para guerra antissubmarino, as classes Hyuga (com 2 unidades em operação) e Izumo (com 2 unidades em operação, a mais recente, comissionada em 22/03/2017 com o nome JS Kaga -DDH 184-), são dotadas do sistema de combate FCS-3, do lançador vertical Mark 41, de mísseis antiaéreos Evolved Sea Sparrow (ESSM) e de canhões de 20mm. Eles operam helicópteros SH-60K, construídos sob licença pela Mitsubishi, e atingem velocidades de 30 nós.

Apesar da incapacidade de garantir autonomamente a supremacia aérea em um teatro de operações, precisando estar inserido em um “Carrier Strike Group”, o Izumo possui um trunfo. Ele é capaz de operar caças de decolagem curta e pouso vertical (STOVL), como os F-35B fabricados pela Lockheed Martin, podendo operar, em situações de crise, quase como um porta-aviões completo. Por este fato, o envio de uma embarcação como essa para as conturbadas águas do Mar do Sul da China gera apreensões em Pequim, que vê, primeiramente, as manobras do seu rival histórico uma ameaça à sua estratégia naval, e em segundo lugar, a presença de um navio de alto valor operando em águas que considera sob a sua soberania.

Ártico e Antártica

O crescimento da presença chinesa na Antártica

Por Stefany Simões

A China já possui uma longa trajetória histórica de ações na Antártica. Sua adesão ao Tratado Antártico (1959) deu-se em 1983, sendo efetivada como membro consultivo em 1985. Já em 1984, realizou sua primeira expedição científica, sendo que nesse ano de 2017 os chineses completaram sua 33ª expedição. Atualmente, o país possui 4 estações de pesquisa na Antártica: Zhongshan, Kunlun, Great Wall e Taishan. Para a administração de tais operações, foi formada já em 1981 a atual Administração Ártica e Antártica Chinesa (CAA, em inglês). Ela possui diversos departamentos que coordenam desde pesquisas científicas até a divisão dos recursos financeiros e é uma subdivisão da Administração Estatal Oceânica (SOA, em inglês) chinesa.

A ação chinesa que mais impressionou o mundo antártico nesta última expedição foi a retomada do plano de construção de dois telescópios no domo Argus, o ponto mais alto do continente antártico, localizado a 4.093 metros do nível do mar e próximo à base de Kunlun. Tal construção estava prevista no plano estratégico chinês de 2011-2015, porém não tinha conseguido angariar recursos financeiros o suficiente. O primeiro telescópio é o Kunlun Dark Universe Survey, que possui 2,5 metros de altura, e o segundo é o Dome A Terahertz Explorer, com 5 metros. Ambos formarão o Observatório Nacional Chinês e sua finalização está prevista para 2020.

Além disso, a China já possui planos concretos para a construção de uma quinta base científica antártica. Sua localização está sendo estudada e, provavelmente, ficará numa área próxima ao Mar de Ross. A região é

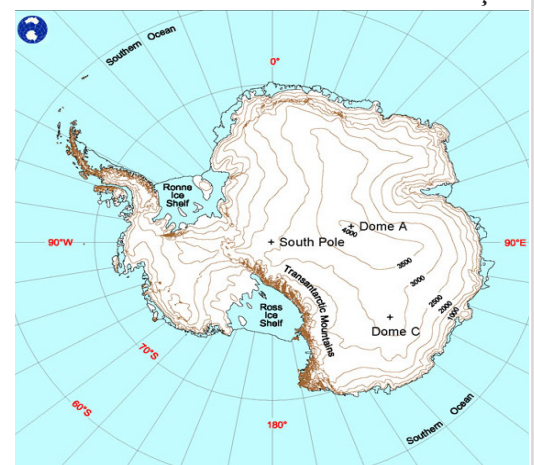


Foto: PLATO Team

fundamental do ponto de vista estratégico, pois é o local onde pesquisas já realizadas apontam a existência de grandes depósitos de gás e petróleo. Já existem 5 outras estações científicas na mesma área, pertencentes aos Estados Unidos, à Nove Zelândia, à Itália, à República da Coreia e à Alemanha. Com o aumento dos movimentos nacionalistas e a perda relativa de prestígio das instituições multinacionais, pode-se esperar uma nova postura por parte de alguns países em relação ao Tratado Antártico. Está cada dia mais difícil crer que o continente permaneça preservado em termos de exploração de suas riquezas minerais até 2048.

Artigos selecionados e notícias de Defesa

- EURASIA REVIEW - 02/04/2017
China's Blue Navy Ambitions: Fast Bridging Gap With US Navy- *By: Vinayak Bhat*
- BROOKINGS - 03/04/2017
Putin's no populist, but he can gain from populist movements worldwide - *By: Yulia Notesova and Torrey Taussig*
- PROJECT SYNDICATE- 04/04/2017
Will Nuclear History Repeat Itself in Korea? - *By: Michael Mandelbaum*
- PROJECT SYNDICATE - 01/04/2017
Europe's Illiberal Establishment - *By: Yanis Varoufakis*
- GEOPOLITICAL FEATURES - 05/04/2017
Regional Security and the Islamic Military Alliance- *By: Kamran Bokhari*
- CSIS - 05/04/2017
Afghanistan, Iraq, Syria, and Yemen: Is Decisive Force an Option? - *By: Anthony H. Cordesman*
- DEFENSE ONE - 04/04/2017
China's Information Warriors Are Growing More Disciplined, Say US Cyber Leaders - *By: Patrick Tucker*
- EL PAIS - 03/04/2017
Maduro, en manos de Putin - *By: Carlos Pagnil*
- SEMANA - 03/04/2017
Elecciones en Ecuador: un polémico 'votofinish'
- DEFENSE NEWS - 31/03/2017
Russia adds 'Kazan' to its nuclear attack submarine fleet - *By: Matthew Bodner*
- INFORMATION DISSEMINATION - 07/04/2017
Thoughts on Syrian Strike

Participamos aos nossos leitores que todos os Boletins anteriores estão disponíveis na página da Escola de Guerra Naval na internet no seguinte endereço:

<<https://www.egn.mar.mil.br/boletimgeocorrente.php>>

Nesse link também é possível cadastrar seu email para que passe a receber sempre nosso Boletim.

- **Paraguai: instabilidade e crise constitucional:**

BLAIR, Laurence. *Paraguay fears dictatorship as president moves to amend constitution*. The Guardian, Londres, 30 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2017/mar/30/paraguay-reelection-amend-constitution-horacio-cartes>> Acesso em: 01 abr. 2017.

COLOMBO, Sylvia. *Aprovação de reeleição acordou fantasmas da ditadura no Paraguai*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 01 abr. 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/04/1871894-aprovacao-de-reeleicao-acordou-fantasmas-da-ditadura-no-paraguai.shtml>> Acesso em: 01 abr. 2017.

- **A crise política e social na Guiana Francesa:**

POMMEROLLE, Marie-Emmanuelle. *L'administration des étrangers en Guyane française : les jeux autour de la légalité en situation postcoloniale*. In : Droit et société. Paris : Editions juridiques associées, n° 85, 2013/3, p. 693-713. Disponível em: <<https://www.caim.info/revue-droit-et-societe-2013-3-page-693.htm>>. Acesso em: 03/04/2017.

Franceinfo. *Excuses en Guyane : les précédents en politique. Crise en Guyane*. Março, 2017. Disponível em: <<http://www.iela.ufsc.br/noticia/guiana-francesa-se-levanta>>. Acesso em: 03/04/2017.

- **A questão da Defesa no Orçamento Canadense para 2017:**

FRANKLIN, Paul. *Liberal Budget Brings New Decade Of Darkness For Canadian Forces*. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/paul-franklin/liberal-budget-canadian-forces_b_15578816.html>. Acesso em: 31 mar. 2017.

PERRY, David. *Bad News for Defence: Budget 2017*. Disponível em: <http://www.cgai.ca/bad_news_for_defence_budget_2017>. Acesso em: 30 mar. 2017.

- **A integração na América central:**

GUATEMALA. *Guatemala y otros nueve países analizan proyectos de desarrollo subregional em Cumbre de Tuxtla*. Portada Gobierno de la República de Guatemala, cidade da Guatemala, 28 mar. 2017. Disponível em: <<http://guatemala.gob.gt/index.php/noticias/item/4811-guatemala-y-otros-nueve-paises-analizan-proyectos-de-desarrollo-subregional-en-cumbre-de-tuxtla>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

Logros y avances. *Portal oficial de proyecto mesoamerica*, El Salvador, 25 mar. 2017. Disponível em: <http://www.proyectomesoamerica.org/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=793&Itemid=281>. Acesso em: 31 mar.

- **Eleições na Somália: Festa da democracia e desafios do amanhã:**

MARTIN, Sean. *Somalia's new president: what next*. New York Times, 1 mar 2017.

OMBS, Desi. *Mohammed Farmaajo, American Citizen, Somali President*. Africa Courier, 2 mar 2017

- **Relações Sino-Nigeriana: oportunidades e desafios para a Nigéria:**

WAGNER, Daniel; CAFIERO, Giorgio. *Huffington Post. 222China and Nigeria: Neo-Colonialism, South-South Cooperation, or Both?* Disponível em <http://www.huffingtonpost.com/daniel-wagner/china-and-nigeria-neocolo_b_3624204.html> Acesso em: 30 de março de 2017.

CAMPBELL, John. *Council on Foreign Relations. Who's In Charge, China or Nigeria?* Disponível em: <<http://www.cfr.org/china/s-charge-china-nigeria/p22383>> Acesso em: 30 de março de 2017.

- **Divergentes visões sobre o Brexit em Defesa e Segurança:**

BBC. *Sturgeon signs independence vote request*, Reino Unido, 30 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/uk-scotland-39449459>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

GHEZ, J. et al. *Defence and security after Brexit – A snapshot of international perspectives on the implications of the UK's decision to leave the EU*. RAND Corporation. Santa Monica, 14 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.rand.org/pubs/perspectives/PE225.html>>. Acesso em: 19 mar. 2017

- **União Europeia cria seu primeiro comando militar unificado:**

European Council. *Council of the European Union. Security and defence: Council reviews progress and agrees to improve support for military missions*. Disponível em: <<http://www.consilium.europa.eu/en/press/press-releases/2017/03/06-defence-security/>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

Opera Mundi. *União Europeia cria primeiro comando militar unificado do bloco*. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/geral/46562/uniao+europeia+cria+primeiro+comando+militar+unificado+do+bloco.shtml>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

- **Rouhani visita a Rússia:**

Institute for the Study of War. *The Strategic Convergence of Russia and Iran*. Disponível em: http://iswresearch.blogspot.com.br/2017/02/the-strategic-convergence-of-russia-and.html?utm_source=ISW-CTP+The+Strategic+Convergence+of+Russia+and+Iran&utm_campaign=The+Strategic+Convergence+of+Russia+and+Iran&utm_medium=email. Publicado em 24 de Fevereiro de 2017

TASS. *Putin-Rouhani meeting round-up*. Disponível em: <http://tass.com/world/938043>. Publicado em 28 de Março de 2017

- **A Guerra Civil no Iêmen diante do aumento do apoio estadunidense:**

LUCE, Dan de; MCLEARY, Paul. *Pentagon Weighs More Support for Saudi-led War in Yemen*. Foreign Policy. [s. L.], Mar 2017

DEYONG, Karen; RYAN, Missy. *Trump administration weighs deeper involvement in Yemen war*. The Washington Post. [s.L.], Mar 2017.

- **O atentado terrorista na Chechênia e seus impactos na região:**

RUSSIAN soldiers killed in 'Islamic State'-claimed attack in Chechnya. 2017. Disponível em: <<http://www.dw.com/en/russian-soldiers-killed-in-islamic-state-claimed-attack-in-chechnya/a-38117689>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

ISIS threatens Russia in new video. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2015/11/12/middleeast/isis-russia-threat/>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

- **China e Europa: líderes na luta contra mudança climática:**

FORSYTHE, Michael. *China Aims to Spend at Least \$360 Billion on Renewable Energy by 2020*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/01/05/world/asia/china-renewable-energy-investment.html?_r=1> Acesso em 29 de março, 2017.

JAEGER, Joel. *China is Leaving the US Behind on Clean Energy Investment*. Disponível em: <<http://www.renewableenergyworld.com/articles/2017/01/china-is-leaving-the-us-behind-on-clean-energy-investment.html>> Acesso em 29 de março, 2017.

- **A escalada do Talibã diante do impasse Ocidental:**
 SHAH, Taimoor. The New York Times. *Taliban Take an Afghan District, Sangin, That Many Marines Died to Keep*. 23 de Março de 2017. Disponível em <https://www.nytimes.com/2017/03/23/world/asia/afghanistan-taliban-helmand-sangin.html?rref=collection%2Fsectioncollection%2FAsia&_r=0> Acesso em: 23 de Março de 2017.
 MARTY, J. Franz. The Diplomat. *The Taliban's New Plan for Capturing Kunduz*. 28 de Março de 2017. Disponível em <<http://thediplomat.com/2017/03/the-talibans-new-plan-for-capturing-kunduz/>> Acesso em: 28 de Março de 2017.
- **O Izumo (DDH-183) rumo ao Mar do Sul da China:**
 HS JANE'S 360. *Japanese navy commissions second izumo-class helicopter carrier*. Disponível em: <http://www.janes.com/article/68963/japanese-navy-commissions-second-izumo-class-helicopter-carrier?utm_campaign=pc6110_e17+df+nl+naval+03_28_17&utm_medium=email&utm_source=eloqua>. Acesso em: 02 abr. 2017.
 THE JAPAN TIMES NEWS. *In show of naval force, japan to send its largest warship to south china sea*. Disponível em: <http://www.japantimes.co.jp/news/2017/03/13/national/show-naval-force-japan-send-largest-warship-south-china-sea/#.wogxsw_yvcc>. Acesso em: 02 abr. 2017.
- **O crescimento da presença chinesa na Antártica:**
 CHINA Seeks to Install Telescopes at Antarctica's Highest Ice Dome. Disponível em: <https://sputniknews.com/science/201703091051418249-chinese-antarctic-telescope/>. Acesso em 20/03/2017.
 ANTARCTIC Diary: Surveying for China's new base near Ross Sea. Disponível em: http://news.xinhuanet.com/english/2017-02/21/c_136073164.htm. Acesso em 20/03/2017.